

AFIRMAR A INTERDEPENDÊNCIA: BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE FEMINISMOS E DEFICIÊNCIA

Talita Tiboia ¹

Resumo: partindo da provocação de Virginia Woolf de que as mulheres não deveriam entrar na universidade, mas produzir outros modos de instituições ou de viver a educação, o artigo procura refletir sobre a questão – colocada por Stengers e Despret para dar continuidade às questões de Woolf – “o que fazem as mulheres ao pensamento?”. Para isso se passa por uma atualização dos diferentes contextos em que as autoras falam e, com foco nas noções de cuidado e interdependência, aproxima-se algumas questões levantadas pelos estudos da deficiência e pelos feminismos.

INTRODUÇÃO:

Virginia Woolf em seu texto *Os Três Guinéus* afirma que as mulheres não deveriam entrar na universidade, não naquela que existia. Ela questiona a estrutura que sustenta essa instituição, o modo como é organizada, as profissões liberais que dela derivam e com isso questiona: “se encorajando as filhas dos homens cultos a seguir as profissões liberais não estaremos encorajando as mesmas características que deveríamos ser extintas?” (Woolf, 2004, p. 88) O texto em questão, escrito em forma de carta, é destinado a um homem que lhe havia por sua vez escrito, três anos antes, pedindo tanto a sua opinião sobre “como as mulheres podem parar a guerra”, quanto sua colaboração e assinatura para uma carta contra a guerra. Além disso, o homem havia pedido uma doação da parte de Woolf, para ajudar a financiar um college destinado às “filhas dos homens instruídos”. O texto de Woolf em resposta é em tom irônico, afirmando que essa carta deve ser mesmo muito importante, deveria ser guardada para a posteridade, já que se trata de um homem pedindo conselhos para uma mulher. Através de uma apresentação localizada da situação de “uma mulher” que poderia muito bem ser ela mesma, Virginia Woolf explicita a relação entre patriarcado, universidades e sua forma de financiamento e funcionamento que, ao invés de prevenir a guerra, a produzem.

Assim, é com o tom irônico de toda a carta que Virginia afirma que não vai gastar sua assinatura para subscrever um manifesto contra a guerra. É também através dessa ferramenta literária que ela utilizará a expressão “irmãs dos homens instruídos”, lugar a partir do qual fala e onde se expressa a desigualdade entre mulheres e homens nascidos na mesma família, ao mesmo tempo continua falando-se de uma parcela limitada da sociedade. Apesar de ser contra a guerra, Virginia considera que essa é uma guerra feita por homens. Querer que as mulheres a solucionem seria uma grande hipocrisia. Ela dá assim os motivos de por que, as irmãs dos homens instruídos não precisariam assiná-la. Tampouco, ela doaria dinheiro para uma instituição de ensino para mulheres se fosse feita nos mesmos moldes das existentes; pois, afinal, “o que faz as pessoas pensarem que uma educação universitária produz uma educação contra a guerra? Ainda, se ajudamos uma irmã de um homem instruído a ir para Cambridge, não estamos nós a forçando a pensar, não sobre educação, mas sobre guerra?” (Woolf, 1966, p. 31).

Mesmo assim, e talvez justamente por isso, Virginia mostra como a construção de uma universidade seria, por outro lado, importante para prevenir a guerra, caso ela fosse construída de modo a educar e a produzir ações que não apoiassem a violência, a competição, e também para que as mulheres tivessem a liberdade de estar em outro lugar que não em casa, ocupando apenas o lugar que a sociedade patriarcal lhe havia concedido e que, assim, sustentava esse próprio sistema. Esse college deveria ser aberto, construído por pessoas pobres, praticado por elas e feito “não para

1 - Doutora em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora PNPd na Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ). Participa da rede Universidade Nômade e do Grupo de Pesquisas PesquisArCom.

separar, mas combinar” - combinar também mente e corpo. Virginia Woolf usa também a palavra “pobre” de maneira irônica e ao mesmo tempo afirmativa. Fala das mulheres como pobres, que tinham literalmente menos dinheiro do que os homens, mas aqui fica marcado que ela fala de pobres como todos aqueles que não têm acesso àquela universidade existente. Ao afirmar uma universidade feita para e praticada pelos pobres, destaca a riqueza dessa pobreza. a possibilidade de um outro modo de fazer. É também nesse sentido que ela afirma, que “pensar, pensar nós devemos”

As filhas dos homens instruídos sempre pensaram as suas questões improvisadamente, não sob a luz de lâmpadas verdes em uma escrivaninha nos claustros de faculdades isoladas. Pensaram enquanto mexiam a sopa, enquanto balançavam o berço. Foi assim que elas conquistaram o direito a nossa cintilante moeda de seis pennys. É nosso dever agora continuar a pensar, como gastaremos essa moeda? Pensar, pensar nós devemos. No trabalho, no ônibus, enquanto estamos na multidão assistindo coroamentos e apresentações dos senhores mestres (...) vamos pensar em batizados, casamentos e funerais. Deixe-nos nunca cessar de pensar- qual “civilização” é essa na qual nos encontramos? O que significam essas cerimônias e por que deveríamos participar delas? O que são essas profissões e por que deveríamos ficar ricas com elas? Em suma, aonde nos levará o cortejo dos filhos dos homens cultos? (Woolf, 1966, p.60)

A questão de Virginia Woolf, em forma de conselho para que as mulheres não entrassem na universidade, mas que “pensar, pensar nós devemos” é retomada por Maria Puig della Bellacasa (2012) em seu livro *Politique Feministe et construction de savoir*, resultado de sua tese de doutorado. Nele, a autora faz um estudo dos feminismos, em especial da relação entre feminismo e ciência, com foco na politização dos saberes a partir dos anos 70 e 80, a partir do maior acesso das mulheres às universidades e da constituição dos movimentos feministas dentro e fora da academia².

Não é por nada que Bellacasa inicia o livro evocando Woolf. Pois, para a autora, essas mesmas questões estão em consonância com aquelas colocadas pelos diferentes movimentos feministas, em sua relação com as práticas científicas: “a luta pela igualdade de acesso ao saber, a crítica dos conteúdos das ciências e da empresa científica (ocidental) como cúmplice das piores atrocidades sob o alibi do “desinteresse” (Bellacasa, 2012, p. 21). Bellacasa sublinha a frase “Pensar, pensar nós devemos” por acreditar que ela esteja ainda viva, ressoa e que é necessário continuar pensando: “somos herdeiras da cultura, mesmo aquela que queremos recusar” (Bellacasa, 2012, p. 24).

Essa discussão é retomada, por sua vez, por Stengers e Despret (2012) no livro *Les faiseuses d'histoire*. O título do livro propicia tradução em duplo sentido, significando tanto “fazedoras de histórias”, uma vez que o livro destaca a construção de narrativas, quanto (e principalmente) “criadoras de caso”, pois em francês a expressão “faire histoire” tem o sentido de “criar caso”, “incomodar”, “criar problema”. As autoras, chamando-se a si próprias de “filhas infiéis de Virginia Woolf” (Stengers e Despret, 2012, p. 85), por terem seguido aquelas mesmas profissões liberais que se constituem na universidade e que Woolf incitava a não seguir, perguntam-se o que elas aprenderam ou poderiam continuar a aprender com o “grito de Woolf” que “pensar nós devemos!?”. Se pensar nós devemos, quem é esse “nós” e o que seria esse “pensar”? Elas vão colocar essas questões enviando uma carta para que algumas mulheres que estão na universidade a respondam. São também essas questões que eu gostaria de abordar aqui. De que maneira essas questões afetam a nós que estamos na universidade? “O que fazem as mulheres ao pensamento” (Stengers e Despret, 2012)

1. CONSTITUIR UM “NÓS” ATRAVÉS DE UMA INTERPELAÇÃO:

No livro *Les faiseuses d'histoires*, Isabelles Stengers e Vinciane Despret se perguntam: nós que estamos na universidade e que seguimos os passos, em princípio, dos homens instruídos, como podemos prolongar hoje o grito de Woolf: “pensar nós devemos”? O que seria esse “nós”?

Para constituí-lo e falar de sua importância, elas ao mesmo tempo partem da conhecida máxima de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, se torna mulher”, e a invertem. Enquanto filósofas, elas aprenderam que essa frase servia

² - O recorte da pesquisa é dado principalmente pelos feminismos anglo-americanos, dando uma atenção especial às leituras que se aproximam do standpoint feminism, proposto por Sandra Harding. O intuito, no entanto, é produzir um debate, e uma história desses movimentos para que possam ser partilhados na França, de onde a autora é, e considera que a politização dos saberes através do feminismo.

para “dessencializar o que é ser mulher”, no entanto, nesse processo o “nos tornamos mulheres” estaria conjugado já no passado, como algo já acontecido. Seria o resultado de influências socioculturais que construiriam papéis para cada criança e transformariam toda criança do sexo feminino numa mulher. Segundo elas, esse seria um processo em que “não havia nada a aprender, apenas a se desprender: é por que elas foram modeladas como mulheres que elas pensam como mulheres.” (Stengers e Despret, 2012, p.30) Nesta proposição, estão ao mesmo tempo com Beauvoir, pois colocam como elas são mulheres na universidade sem nunca ter pensado nesse fato (tornaram-se mulheres, sem ter essa percepção), e a invertem, pois elas propõem constituir um “tornar-se” juntas no presente. Constituir um nós que não existe a priori.

A proposta específica das autoras é operada através do envio de uma carta para mulheres que estão na universidade colocando a pergunta: o que fazem as mulheres ao pensamento? Como continuar o grito de Woolf? O intuito é não ter respostas prévias sobre o que seria a constituição de um “nós”, mulheres que estamos na universidade, mas forjá-lo a partir da própria pergunta, constituí-lo a partir do encontro das diferentes possíveis respostas concretas a essa questão.

O método das autoras é próximo ao que Latour (2008) chama de “reagregar o social”. Não existe um coletivo chamado “as mulheres”, mas ao seguir as pistas daquilo que “nos diz”, nos toca sobre as mulheres, de como esse ser mulher no mundo é agido, nos outros e principalmente por aquelas que se reconhecem, ou são reconhecidas como mulheres, constitui-se a possibilidade de as autoras reagregarem e reconfigurarem um entendimento localizado, performando e engajando o que é ser mulher.

2. O “NÓS” DE WOOLF NÃO É O MESMO:

No entanto, apesar de as autoras destacarem a importância da constituição de um “nós” e de afirmarem que a tática para constituí-lo foi utilizada também por Woolf quando delimitou a sua fala às “filhas e irmãs dos homens que tinham acesso à universidade”; elas vão mostrar que o “nós” de Woolf não é o mesmo que elas estão constituindo em seu trabalho, e provavelmente não é o mesmo de nenhum dos feminismos atuais.

Pois, não só as expectativas de Woolf foram contrariadas, e as mulheres entraram na universidade (ainda que de maneira desigual, sendo as mulheres brancas a entrarem primeiro), como os feminismos negros, que ficaram conhecidos principalmente a partir dos Estados Unidos nos anos 60 e 70, vão questionar as formas de organização e as pautas do “feminismo branco”, como ele era feito até então, ou seja, o feminismo negro irá explicitar a diferença de interesses e pautas, mostrando assim que aquilo que era até então reconhecido como feminismo privilegiava principalmente as mulheres brancas. Em relação a isso, é célebre a frase de bell hooks “Quando o povo negro é falado a tendência é focar nos homens negros, e quando as mulheres são faladas o foco recai sobre as mulheres brancas” (hooks, 1990, p.7). Em seu livro *Ain't I a woman? Black woman and feminism*, ela explicita a dupla invisibilidade das mulheres negras no início do movimento feminista, em especial na luta pelo direito de voto.

bell hooks é só um dos nomes que transformou o feminismo, assim como Audre Lorde, Angela Davis, Alice Walker, em gerações anteriores, Sojourner Truth (que falou a frase que dá nome ao livro mais famoso de bell hooks) e tantas outras que até hoje continuam explicitando o racismo e a desigualdade social internamente ao feminismo. Não é possível, portanto, pensar a opressão de gênero sem considerar as opressões de raça e de classe, a maneira como essas opressões incidem de maneira diferente nos corpos. Essas autoras, e suas influências, farão parte, portanto, e de maneira central, da politização dos saberes da qual nos fala Bellacasa (2012), daquelas que tiveram que lutar para estar na universidade, assim como lutar para serem ouvidas internamente no próprio feminismo.

É por isso que, ao falarem do momento da democratização do ensino na Bélgica, -- onde as autoras escrevem o livro e fazem a pesquisa -- estão referindo-se a um complexo contexto no qual a universidade abriu-se primeiro às mulheres e depois aos mais pobres e só depois, finalmente, aos imigrantes (tocando assim na questão racial). Certamente os contextos da Bélgica e do Brasil são muito diferentes. Para termos uma pequena dimensão, a primeira

universidade da Bélgica foi criada em 1425 na cidade de Louvain³. Já no Brasil, além das escolas superiores esparsas que existiam desde o século 17, a primeira universidade stricto sensu foi fundada apenas em 1920. No entanto, algumas observações feitas sobre o processo de democratização das universidades na Bélgica, parecem válidas também para a universidade brasileira, tendo em vista os seus processos ainda muito jovens de democratização. Começando pelo fato de que, mesmo na Bélgica, não se considera a universidade um espaço democrático.

Afirmando que os números muitas vezes enganam, por fornecerem tão somente um panorama, por exemplo, o fato de que hoje em dia na Bélgica há mais mulheres do que homens na universidade, as autoras questionam de que maneira essa democratização aconteceu e se a simples entrada configuraria um processo democrático. O nome do livro: “as criadoras de caso” refere-se ao fato de que a inclusão das mulheres na universidade foi uma aceitação, mas com a condição de que elas “não criassem caso”, que se adaptassem ao que a universidade era, se acostumassem aos ritmos, modelos, regimes de produção de saber, regras, sem que a universidade mudasse por sua vez. Era necessário incluir sem mudar nada.

Essa descrição não é distante da situação criada nas universidades do Brasil, nas últimas décadas, com a ampliação do número de vagas e a criação de cotas raciais, sociais, e para pessoas com deficiência. Em ambas as situações, havia o medo de uma queda de desempenho e qualidade na universidade, algum tipo de perda de valor associada à maior quantidade de alunos, o que por vezes apenas escondia um racismo e preconceito de classe e de gênero. Ao mesmo tempo, uma universidade que nem sempre está aberta a se transformar pela entrada de alunos que exigem a mudança de pautas internas, bem como a relação entre universidade e sociedade, Não é por isso, no entanto, que a universidade não se transforma⁴, essas pautas e transformações acontecem, mas não são “dadas de presente” ou calculadas para tornar a universidade mais igualitária, são as próprias estudantes -- negras, periféricas, indígenas, com deficiência -- que vão conquistando seu espaço. Usando as palavras de Despret e Stengers: criando caso.

3. QUAL NÓS?

Caras Isabelle e Vinciane,

eu não estaria aqui falando sobre as teorias e livros de vocês, sobre as suas práticas e o que eu vejo ali de importante, se não fosse eu fazer parte de um nós na universidade. Não que eu pense que o “nós” do qual vocês falam seja um bem definido e esteja somente entre aqueles grupos que já reconhecemos, que já conseguimos dizer que pertencemos.

Me parece que ele fala também daqueles “nós” que estão ainda frágeis e se constituindo. Mas não posso deixar de falar desse “nós”, esse sim visível, que me acompanha nesse pensar na universidade. E mesmo ele visível, talvez o que se trate por vezes, seja da mudança das suas bordas, um mudar constantemente também de dentro. Para contar um pouco sobre esse “nós”, um dos nós com quem eu penso, gostaria de “ficar com o problema” (Haraway, 2007), esse que vocês colocam sobre “o que fazem as mulheres ao pensamento”. Ficar com o problema, como diria Haraway, pois mesmo que ainda não tenhamos respostas, ele continue nos instigando e nos tirando de nossas falsas inocências.

Como eu dizia, essas perguntas que vocês fazem, elas tem atravessado nossas questões as minhas com Marcia Moraes, Carolina Manso, Marília Gomes Gurgel, Josselem Conti, Nira Kaufman, Marília Silveira, Camila Alves, Aparecida dos Santos, Eleonora Prestelo, Maria Rita Campello, Cristiane Bremenkampff, Cristiane Knijnik, Alexandra Simbine, Alessandra Rottenberg, Amanda Muniz, Elis Telles, Gabrielle Chaves, Luiza Teles, Fatima Queiroz, Luciana Franco, (E MAIS) são elas que compõem ou compuseram o grupo de pesquisas que se encontra toda quarta de manhã e que hoje chamamos de PesquisarCom. É juntas que temos pensado, também através da interferência de vocês, o estar na universidade.

É por isso que ao ler seus textos, de certa maneira tenho a impressão mais de estar conversando com elas, elas

3 - Essa universidade foi fechada e transferida para Bruxelas em 1797.

4 - É possível conferir essa mudança em vários estudos, por exemplo no trabalho de Delcele Mascarenhas Queiroz & Jocélio Teles dos Santos: Sistema de cotas: um debate dos dados à manutenção de privilégios e de poder. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>;

que, entre o que se vive e pesquisa, têm me ensinado novos modos de ver.

Uma das mudanças em mim, e que aprendi com elas, foi a minha percepção e modos de ver e viver a deficiência. O grupo PesquisarCom é orientado por Marcia Moraes e é composto por mulheres com pesquisas bastante heterogêneas, mas que tem um interesse em comum de estudar e pensar o método na pesquisa. Marcia pesquisa há muito tempo também com pessoas com deficiência visual, pesquisa que envolve também outras pesquisadoras do grupo assim como da graduação. A noção de PesquisarCom orienta esses trabalhos num viés da Teoria Ator-Rede, como ética-prática de pesquisar com esses atores e não sobre eles, considerando-os como agentes e experts e não apenas objetos de pesquisa. Quando trabalha com essas questões, Marcia propõe pensarmos, “(d)eficiência como eficiência”, essa noção me ajudou não só como pesquisadora ou como psicóloga, mas também como pessoa que tem epilepsia (mas esse é papo pra um outro artigo).

No texto *Guiar e ser guiado: (d)eficiência como eficiência*, Marcia e Ronald (2013) contam a história de Geórgia⁵, uma mulher cega que frequentava o Instituto Benjamin Constant onde eram realizadas as atividades da pesquisa Perceber sem ver⁶. Geórgia tinha ficado muito tempo -- desde que perdera a visão -- em casa, e andando apenas quando guiada por uma pessoa vidente. Isso fazia com que ela fosse bastante insegura e tivesse dificuldade de locomoção. No dia em que na Oficina de Experimentação Corporal foi feito um exercício no qual as coordenadoras emitiam um som e os participantes se movimentavam no espaço indo em direção ao som, Geórgia teve dificuldade de realizar a tarefa. No entanto, Marcia e Ronald contam que, quando foi proposto o exercício contrário, que algum dos participantes da oficina, e não as coordenadoras, fizessem os sons para que os outros seguissem, Geórgia foi a primeira a se prontificar, e com as latas fez sair uma quantidade de sons inusitados, era ela que estava guiando o grupo. (Moraes e Arendt, 2013)

O exemplo é dado para mostrar como os limites entre (d)eficiência e eficiência são móveis e não podem ser dados de antemão por conceitos abstratos ou pela simples separação entre pessoas cegas e pessoas videntes. É a partir do encontro do próprio corpo com outros corpos, pessoas, latas, pisos táteis, sons, que se performa a eficiência. Marcia Moraes nos conta⁷, quando chegou num impasse no percurso de suas pesquisas sobre a deficiência, mais especificamente sobre a deficiência visual. Até esse impasse vinha trabalhando em mais consonância com o viés do modelo social da deficiência que questiona o pensar a deficiência como tragédia. É dessa forma que ela é vista na versão biomédica que afirma a deficiência como uma falta, algo sofrido pelo corpo. O modelo social da deficiência marcou muitas conquistas e a mudança dessa visão, influenciando inclusive as diretrizes das políticas para a pessoa com deficiência.

No entanto, Moraes afirma que se viu diante de um impasse à medida que, em contato com a dor da perda da visão, era difícil considerar a deficiência apenas como social, e questiona: como ouvir a dor das pessoas sem fazer da deficiência uma tragédia? Segundo ela, foi essa angústia que moveu a escrita do texto *Guiar e ser guiado* onde ela afirma uma “aposta teórico-prática que passa ao largo de qualquer concepção essencialista de deficiência visual, seja um essencialismo de tipo naturalista que define a deficiência visual como a falta de uma capacidade sensorial, gravada no corpo. Seja um tipo de essencialismo social, que afirma que a deficiência é um efeito de impasses criados no contexto social e que levam a um sentimento de incapacidade que essas pessoas encontram no acesso à informação, ao trabalho, à educação e vários outros direitos básicos do cidadão” (Moraes e Arendt, 2013, p. 332).

É a proposta de pensar a dimensão da dor, e do cuidado da dor, que atravessa também o texto de Debora Diniz (2003) *Modelo social da deficiência: a crítica feminista*, no qual ela destaca a importância do feminismo para as lutas das pessoas com deficiência. Ali ela mostra como as bases da luta do modelo social da deficiência foram amplamente

5 - Nome fictício;

6 - Perceber sem ver: corpo e percepção entre pessoas cegas e com baixa visão é um projeto realizado no Instituto Benjamin Constant (IBC) que visa investigar as relações entre corpo e deficiência visual. Nos primeiros anos (2003/2007) o trabalho era realizado através de uma prática de intervenção, as Oficinas de Experimentação Corporal, voltadas para jovens e crianças cegas e com baixa visão, com idades entre 7 e 18 anos. A partir do ano de 2008, a pesquisa passou a voltar-se para a investigação acerca das relações entre corpo e deficiência visual entre adultos, matriculados no setor de reabilitação, cegos e com baixa visão. (retirado da Plataforma Lattes)

7 - Marcia faz esse relato no encontro do grupo PesquisarCom, orientado por ela, com a turma da disciplina Pesquisa Participativa translação do conhecimento e promoção de saúde, sob coordenação de André de Faria Pereira Neto. Encontro no qual foram discutidos textos e ações dos diferentes modos de pesquisa e ação.

influenciadas pelo feminismo e a noção de gênero como performado. Segundo a autora, a divisão entre sexo (biológico) e gênero (social) coincidiria com as noções de lesão (biológico) e deficiência (social). Além disso, ambos movimentos tem a pauta em comum de lutar contra a desigualdade e opressão.

As transformações operadas por esse modelo foram a de questionar a deficiência como apenas biológica e reivindicar a “modificação das estruturas que provocavam ou reforçavam a deficiência, ao invés de apenas curar, tratar ou eliminar as lesões ou os deficientes” (Diniz, 2003, p. 2). Apesar de reconhecerem a importância das conquistas, graças a essa mudança de como pensar a deficiência, o que teóricas feministas (algumas delas pessoas com deficiência ou cuidadoras de pessoas com deficiência) vão afirmar é que o problema desse modelo é que nele não há espaço para pensar o cuidado, desta maneira procuram práticas que considerem que, independente de como for organizada a sociedade, os espaços e a cidade, há pessoas que sempre precisarão de cuidados (Diniz, 2003).

Enquanto o modelo social se baseava em “princípios hegemônicos como autonomia, independência e produtividade” (Diniz, 2003, p. 4), as teóricas feministas “mencionaram a importância do cuidado, falaram sobre a experiência do corpo doente, exigiram uma discussão sobre a dor e trouxeram os gravemente deficientes para o centro das discussões” (Diniz, 2003, p. 3), além disso foram elas que passaram a mostrar a importância de considerar outros fatores, como raça, classe e gênero junto com a opressão pela deficiência⁸.

Algumas dessas questões podem ser percebidas no vídeo⁹ em que Sunaura Taylor e Judith Butler conversam passeando pela cidade, elas abordam tanto a importância de tirar as barreiras físicas, pois isso facilita e possibilita que as pessoas saiam mais pela cidade, e transforma, por sua vez, o próprio espaço; quanto falam sobre a importância de não ser uma vergonha pedir ou oferecer ajuda, pelo contrario, isso deveria fazer mais parte de nossas vidas, no reconhecimento de nossa interdependência.

Essa foi uma das grandes mudanças colocadas com a junção das lutas feministas e das pessoas com deficiência, a de pensar que “o cuidado e a interdependência são princípios que estruturam nossa vida toda e ainda hoje são considerados valores femininos e pouco valorizados”, Debora Diniz ainda continua nos colocando um desafio: afirma que “Neste momento, o principal desafio das feministas é mostrar que é possível um projeto de justiça que considere o cuidado em situações de extrema desigualdade de poder.” (Diniz, 2003, p. 6) e isso só seria possível se tomarmos a interdependência como uma base central das relações humanas.

Talvez eu tenha me delongado um pouco e até me desviado um pouco da carta, ou pelo menos do que eu pensava que iria escrever. Comecei falando sobre estar/não estar na universidade e vim parar aqui. Mas depois do que escrevi, para mim é mais fácil ver o que fazem as mulheres ao pensamento.

O cuidado, como “disposição a”, e como o trabalho do cuidado, por muito tempo e até hoje colocado como algo feminino, um trabalho não reconhecido e ao mesmo tempo, quando se passa a reconhecê-lo, passa-se a explorá-lo. Então fico pensando, vendo essas mulheres, o feminismo expressar a importância do cuidado. Vejo como uma espécie de tática, de pegar aquilo que nos foi dado como destino e reclamá-lo realmente como nosso. Não como algo a ser explorado, mas como um modo. Tampouco no sentido de que o trabalho do cuidado seja algo para ser feito só por mulheres, mas tomando o cuidado e a interdependência como fazendo parte de nossas ações.

um abraço,

talita

8 - Para acessar dados sobre esse paralelismo vertexto de Jarrid arraes em: <http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2013/09/23/mulheres-negras-deficiencia-e-invisibilidade/>

9 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k0HZaPkF6qE>

4. CONTRA A GUERRA

Comecei citando Virginia Woolf e sua crítica à universidade, o apelo às mulheres a não entrarem nela ou pelo menos a não usarem esse espaço do mesmo modo que ele estava planejado, para um mundo da competitividade, da busca por cargos. Hoje, e mesmo no período em que escreve Virginia Woolf, essa decisão não está disponível a todas. É preciso lutar para que não estar na Universidade possa ser uma escolha e não uma imposição.

Sunaura Taylor, referindo-se à acessibilidade para as pessoas com deficiência na cidade, afirma que “o acesso físico leva a um acesso social”. Pelo fato das pessoas poderem usar de maneira mais livre os espaços da cidade e de não ser mais uma exceção encontrar pessoas de cadeiras de rodas, bengalas, há uma mudança de aceitação por parte das pessoas.

Ao mesmo tempo os modos de se estar na cidade não deixam de ser normalizados, Sunaura dá o exemplo de que ela poderia entrar num bar e pegar a xícara de café com os pés, no entanto, é pelo fato de não estar dentro do padrão de como deveria se comportar um corpo que é considerado estranho. É nisso que Butler vai dizer que gênero e deficiência se encontram, no questionamento ativo, através das próprias vidas, sobre o que pode um corpo.

Mostrando que esse caminho é de mão dupla, a conversa Taylor e Butler nos mostra, assim como texto de Debora Diniz, como o feminismo pode aprender ainda muito das militâncias das pessoas com deficiência. Nós já sabemos da precariedade de nosso corpo enquanto mulheres, mas podemos ainda aprender sobre a precariedade de diferentes corpos atravessados por diferentes opressões, diferentes formas de viver e diferentes eficiências.

Talvez, e já é a aposta de muitas, o caso não seja lutar pela independência como algo bom e a ser buscado, como no exemplo sobre a capacidade de abrir o pote de pepino sem a ajuda de ninguém que aparece tanto em mensagens pró e contra feminismo. Em ambos os casos, essas mensagens parecem ainda buscar um corpo que dê conta de tudo.

Talvez, o que as mulheres fazem ao pensamento é justamente não defender a independência -- como por sinal defendem as universidades perfeitamente inseridas no capitalismo, desde a época de Woolf até hoje -- mas o fato de que não pensamos sozinhas. O fato de que cada corpo tem a sua eficiência e se constitui no encontro com o outro. O fato de que o cuidado não é algo para se envergonhar, nem algo moral a cobrar, mas ontológico.

REFERÊNCIAS:

ARRAES, J. Mulheres negras, deficiência e invisibilidade. Revista Fórum. 2013. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2013/09/23/mulheres-negras-deficiencia-e-invisibilidade/>. Acessado em: julho de 2015.

BELLACASA, M.P. Politiques féministes et construction des savoirs. Paris. L'Harmattan, 2012.

DINIZ, D. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. Série Anis 28, Letras Livres, 1-8, julho 2003.

HARAWAY, D. Staying with the Trouble: Xenoecologies of Home for Companions in the Contested Zones. Cultural Anthropology. 2007. Disponível em: <http://www.culanth.org/fieldsights/289-staying-with-the-trouble-xenoecologies-of-home-for-companions-in-the-contested-zones>. Acessado em junho de 2015.

HOOKS, B. Ain't I a woman? Black women and feminism. London. Pluto Press, 1990.

MORAES, M.; ARENDT, R. Guiar e ser guiado: do que é feita nossa (d)eficiência? Universitas humanística n. 76 julio-diciembre, 327-347, 2013.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, J.T. Sistema de cotas: um debate dos dados à manutenção de privilégios e de poder. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 717-737, out. 2006 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>; Acessado em julho de 2015.

STENGERS, I.; DESPRET, V. Les faiseuses d'hitoires. Que font les femmes à la pensée. Paris, Les empêcheurs de penser en rond. La découverte, 2012

TAYLOR, S.; BUTLER, J. Examined life. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k0HZaPkF6qE>, Acessado em: junho de 2015.

WOOLF, V.. Three Guineas. New York. Harcourt. Inc., 1966.

Imagens-mulheres de dor e gozo, potência e obstáculos. Os versos são o barro do qual me valho para re-criar experiências, aspirações e convivências. Cada poema marca passos nos caminhos desejados: a unidade na diversidade em “Por todas”; um amor em liberdade para “Essas mulheres”; a vida em desafio na lâmina-raio de “Pagu-Pagã” ou no sorriso sincero de “Interrog-ação”. Ainda têm mãos para conectar às “Companheiras” e dedicar-se a uma auto-construção do “Território”. Os passos são meus, mas o caminho é nosso.

Elaine Freitas de Oliveira

POR TODAS

Cinco? Doze? Muitas a menos
todos os dias quando acordo
e procuro minhas irmãs
esposas, prostitutas, diaristas,
professoras, garis, merendeiras,
motoristas, pacifistas, guerrilheiras

cercadas pelo patriarcado
que nos apedreja

para partir a mulher
que o machismo não aceita
como uma pessoa inteira

e nos quer fruto de sua costela,
metade incompleta, pecadora, imperfeita,
sob seu julgo e sua tutela,
flor de delicadeza, silenciada,
ridicularizada, amedrontada,
medida, moldada,
esquartejada na descrição
de um corpo-objeto que o homem deseja.
Prisioneira.

Lágrimas de março
fazemos chover
contra o fogo inquisitório
ameaçando a Liberdade

desse Ser-Mulher
feito de luta, sonho,
força e arte.

Tornar-se mulher
exige coragem.

1 - é autora do livro de poesias “Palavras Armadas” (2011). Professora de Sociologia do Colégio Estadual Paulo de Frontin (RJ) e doutoranda em Ciência Política pela UFF.

ESSAS MULHERES

Não somos pra casar.
Não somos pra servir.
Não somos de calar.
Não somos de fingir.
Não somos de apanhar.

Somos pra amar.

Amor combina cuidado e desejo.
Sem confundir com controle e domínio
a nos subordinar e oprimir.

Não é emprego,
servidão doméstica,
sob imposição de regras
suportadas quietas.

Só valem compromissos mútuos,
lado a lado por iguais direitos,
companheirismo nos tumultos –
preferência pelas rosas
que plantamos juntos.

Relação é um jogo de compreensão
e não de competição:
quando existe um vencedor,
quem perde
é o amor.

Este sentimento coletivo
com poder de assumir formatos distintos,
executar tantos cantos,
promovendo risos altos, afirmativos,
sinceros somente se em elogio ao feminismo
inscrito no corpo, no fogo e na cidade,
rasgando a mortalha pseudo-protetora do machismo,
expondo sua crua crueldade.

Amor coletivo
sabedor do desagrado provocado
por um privilégio ameaçado.

Em passeata e dentro de casa,
mandamos os defensores do patriarcado se...doer
porque não somos pra casar:
somos de viver!

PAGU-PAGÃ

Sem cordura, nem pejo,
exponho em praça pública
a sanha do meu desejo.

Sem sombra, nem curva,
eu despejo vontades públicas
no púlpito de suas cruzes
e dos seus credos.

Porque não rezo, não temo, nem almejo
um céu aberto de anjos contra os infernos
que são estes medos, aqueles tédios,
pedaços de nós mesmos.

Porque não prego, não nego, nem apedrejo
espelhos mostrando outros
distantes ou bem perto,
diante ou dentro de opostos
nos quais me estranho e me reconheço.

INTERROG-AÇÃO

Queriam que eu fosse mãe,
dona-de-casa,
bem-ajustada
e correta.

E eu?

Ah! Eu queria ser POETA.

Trancaram a porta da rua,
xingaram mulheres nuas,
amaldiçoaram com frases de Profeta
o destino de quem se permite e se revela.

Foi aí que fugi, sem mapas,
rápida, sebo na canela!

Me mostraram suas certezas
sobre medidas - de peso, de caráter,
de roupas, de pureza -
a fim de que eu me enquadrasse.

Escolhi me perder
de tantas verdades incontestáveis.

Fui abandonada
por Deus, pela Família e pela Propriedade
em favor de toda Liberdade
de ir em busca de minhas dúvidas.

Sonho ser uma pergunta.

COMPANHEIRAS

Somos todas.

Desde o nascimento:

cada afeto,
sacrifício,
gozo
e ofício

participa da criação do feto,
estimula a contração,
acolhe o choro aberto,
mantém a transmissão de vida
pelo cordão,

oferece o peito,

rebenta conosco
o Universo.

Não existe solidão.

Somos todas Multidão.

E morrer é o nosso inverso.

(Fechar-se é tipo de morte
chamada introspecção.)

Viver é toque,
troca,
conexão.

TERRITÓRIO

Corpo como cidade,
ergo viadutos a darem
circulação ao presente
sustentado acima do

passado engarrafado
nas antigas vias
onde pretéritos amores
ficam encostados,
sobrevivendo à intempérie
no abrigo gélido dos alicerces
a suportar o novo
sempre apressado
ao encontro do túnel
e da luz depois
de imprevisível futuro
quando se saberá ilusória
toda onipotência sentida
do alto de anterior viaduto
considerado como posto
mais elevado do mundo,
de onde se via tudo.

Corpo, como cidade
a nutrir minhas estruturas
e sustar 24 horas diárias de velocidade.

Por vezes, praça em si,
quando serenidade,
a admirar esta megalópole
entrecruzada por sentimentos estranhados
e pensamentos de alteridade:
outros seres,
várias idades,
muitas cidades.

Certos dias, palco fabuloso
a multidões obstinadas,
motivadas por revoltas e vontades.

Em perene construção,
surgiu como cidade planejada,
cujo plano-piloto foi tomado
pela dinâmica das cidades-satélites
e abandonei a forma-monumento
para ser corrente viva, improvisada.

Preservei espaço para centro histórico
a arrancar suspiros nostálgicos.
Tenho atividade circense, poderes políticos,
bibliotecas, bares e naufragos.

Cidade litorânea,

sem cordilheira que lhe proteja
da fome e ganância dos viajantes.
Levanto fortaleza,
mas os guardiães são distraídos,
sendo seduzidos
por qualquer canto de sereia.

Perto, há um píer
para longa hora
em companhia amiga.

À margem, uma ansiosa pluralidade de vozes
entre não-mais-querer e potências-do-ser.

Cidade em expansão,
até confundir-se com outros corpos,
em conurbação.

E desconhecer-se.

Feito um acabar.

Ou talvez só esteja aumentando,
desfazendo a unidade que lhe definia o tamanho
para saber-se fragmento do planeta.

Feito um desaguar.

Contendo rochas,
bichos, movimento.

Cidade sagrada
cujo destino
é ser profanada.

Corpo pisado
por deslumbramento;

redesenhado:
limites vencidos
através dos contatos.

Chão da minha música,
das minhas dúvidas
e de renascimento.

Corpo como cidade
onde me reinvento.